

OS GRANDES PROBLEMAS DO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL

HENRI CHAMBRE

Depois de esboçar rapidamente as linhas mestras do pensamento marxista, o autor analisa os dois grandes desafios com que se defronta hoje o movimento comunista internacional: o conflito sino-soviético e o processo de desestalinização. Nenhum dos dois pode ser explicado por causas superficiais de conjuntura sociológica ou de interesses econômicos imediatistas. Emergem de causas profundas que, talvez inelutavelmente, mais cedo ou mais tarde se fazem sentir na evolução de toda sociedade humana. Nada autoriza ainda a crer, porém, que a superação dessas tensões se fará ao preço de um abandono da visão fundamental do marxismo, que ainda está presente em todo comunismo internacional.

QUANDO se analisa corretamente a obra de MARX, verifica-se que, ontem como hoje, o comunismo que ele se propõe instaurar é um fenômeno total, isto é, um fenômeno que não se refere apenas à vida econômica ou à organização política das nações ou da sociedade humana, mas que atinge o homem em sua totalidade. Como "crítico da vida cotidiana" MARX empreende uma total problematização do homem, a partir de uma explicação total de sua situação no mundo. Resumindo, mesmo com o risco de alguma simplificação: MARX denuncia a alienação do homem nas diversas atividades e estruturas da vida social: religião, mo-

ral, filosofia, direito, sociedade, Estado, economia. Para êle, à base de tudo, encontra-se a alienação econômica. Ao cabo de uma luta de classes sem treguas, a superação desta alienação acarretará a liberação de tôdas as outras e criará as condições de um "humanismo positivo". Esta libertação se realiza na vida cotidiana e a história dos homens é o movimento efetivo pelo qual a liberdade se constitui superando tôdas as alienações.

O "homem nôvo" que surgirá dêste processo não é o homem enquanto pessoa; é o homem social, elemento do todo que o constitui, a saber, a coletividade humana. O "homem nôvo", por outras palavras, é a coletividade dos homens, na qual se dissolve cada um de seus elementos humanos.

Tendo como objetivo supremo "a sociedade sem coerções e a economia sem escassez, onde a generosidade e o espírito de todos os homens atingirão seu pleno desenvolvimento, o comunismo de MARX e o de seus atuais sucessores anuncia um universo de reconciliação total: dos homens entre si e dos homens com a natureza. Propõe uma salvação *terrestre*, com exclusão de qualquer outra, tangível e palpável pelo homem do universo industrial e técnico, que se realiza pela ação, que se torna a própria ação cotidiana do homem.

O marxismo, com efeito, não se reduz a um sistema filosófico, como, por exemplo, o sistema kantiano ou a filosofia escolástica. É fundamentalmente uma ação, um movimento. Pretende transformar o mundo presente que a filosofia, a seus olhos, se contentara até hoje de contemplar. Não se trata, porém, de uma ação ou de um movimento qualquer. Trata-se de uma ação de tipo político tendente a transformar as estruturas da sociedade. Trata-se de uma ação presente à situação, adaptando-se a seus contornos, atenta a suas sugestões, cada vez mais em condições de fazê-la evoluir na direção que, no fim, deverá determinar a sua própria negação. É uma obra de maturação: coopera apenas numa grande gestação histórica e não se pode precipitar o ritmo da história, de cujo sentido e significação profunda a dialética marxista pretende possuir o segrêdo. No

vocabulário de MARX, esta ação se chama *praxis*. Êste aspecto do marxismo e do movimento comunista é essencial para revelar sua verdadeira compreensão. Infelizmente é um aspecto muito freqüentemente negligenciado pelo cristão envolvido numa trama menos sutil de ação temporal. A compreensão dêste aspecto é particularmente importante para observar que, a partir do momento em que o comunismo se inseriu em Estados, em Partidos que governam Estados, o voluntarismo do Poder Central substituiu-se à *praxis* de MARX, tanto no plano político como no plano econômico. Êste poder é freado apenas pela resistência de algumas realidades humanas, resistência, aliás, que acabará por ser inteiramente submetida e posta a serviço dos objetivos impostos à coletividade pelo mesmo poder central.

O comunismo se opõe ao cristianismo por todo o seu projeto do homem e do homem-em-sociedade, como também, de resto, pelas configurações que êste projeto assumiu em alguns Estados comunistas modernos. Aí se encontra a oposição fundamental, mesmo se certas realizações parciais possam ser aceitáveis, como, por exemplo, a previdência e a seguridade social, e qualquer que seja o modo pelo qual se imagina a passagem da sociedade atual para a sociedade comunista (luta de classes ou evolução por via parlamentar ou outra). A sociedade que o marxismo-leninismo se propõe edificar é um mundo no qual o homem é desviado de seu fim essencial de filho de Deus de irmão de Cristo.

Examinemos agora algumas repercussões de dois acontecimentos importantes sobrevindos recentemente ao movimento comunista: o conflito sino-soviético e a desestalinização da URSS.

O CONFLITO SINO-SOVIÉTICO

Antes de examinar alguns aspectos do conflito sino-soviético, ocorre fazer uma observação que nos parece capital.

O movimento comunista passou por uma brusca mutação com a Revolução de outubro de 1917 e com a tomada do poder, na Rússia pelo partido bolchevista. A partir dêste momento preciso, o movimento comunista se defron-

tou com uma tarefa *positiva*: manter-se no poder, consolidar o nôvo regime, criar as instituições correspondentes àquele nôvo tipo de poder e de sociedade, opor-se as pressões exteriores, transformar o país acelerando a sua industrialização.

De uma fase de negação e de crítica das sociedades e dos regimes capitalistas existentes, passava a uma fase de construção: "a edificação do socialismo", no vocabulário do movimento.

Durante todo um período que se estende de 1917 até os anos de 1956, 1957, duas identificações se vão consolidando dentro do movimento comunista:

a) a União Soviética se identifica com o país onde se realiza o ideal da libertação do homem-na-sociedade;

b) os interêsses da Internacional Comunista (a Terceira Internacional), se identificam com os interêsses da URSS, e vice-versa.

O conflito sino-soviético brutalmente invalidou estas duas identificações. Elas já tinham sido, aliás, contestadas desde 1948, por ocasião da ruptura do Kominform com a Iugoslávia e cada vez mais tinham sido postas em dúvida pelos países da democracia popular na Europa Oriental, principalmente a partir de 1956.

Não temos a intenção de reconstituir tôda a história do conflito sino-soviético nem de analisar as suas origens. A êste respeito, baste-nos observar que desde 1960 se orientou num sentido cada vez mais radical e sua acuidade não parece ter-se atenuado com a liquidação de KRUCHTCHEV.

Afastemos uma explicação inadequada do conflito, a explicação econômica.

Foi dito que o conflito sino-soviético era inevitável, mas que seu único aspecto realmente sério era o aspecto econômico, formulado nos seguintes têrmos: a linha dura de Pequim resulta do fato que o regime chinês está na fase estaliniana de construção do socialismo; a atitude mais flexível de Moscou para com os imperialistas se explica porque a URSS é um país economicamente desenvolvido e, afinal de contas, a população russa quer viver bem e já não tem mais a menor intenção de fazer a revolução mundial. Tal in-

terpretação nos parece superficial. É claro que, do ponto-de-vista econômico, os dois países não estão no mesmo nível: a China, com seus 700 milhões de habitantes, se esforça por atingir um potencial econômico que será próximo ao da Inglaterra daqui a uns 10 anos. Mas a Inglaterra não tem 700 milhões de habitantes. A União Soviética, com seus 200 milhões de habitantes, tem um potencial econômico que se aproxima dos 60% do potencial dos Estados Unidos, com 160 milhões de habitantes. É evidente, portanto, que a distância entre a Rússia e a China é muito grande.

O fator econômico intervém no conflito sino-soviético a propósito do conteúdo e da forma da ajuda econômica dentro do sistema socialista. Para os soviéticos, a ajuda econômica deve ser muito grande, nos países socialistas: é uma questão de princípio. Mas, cada país deve desenvolver-se segundo seus meios e suas capacidades. Não é possível ter um desenvolvimento uniforme de todos os países socialistas, mesmo se se realizasse melhor integração das economias socialistas dentro do Comecom. E nisto os russos têm razão. Não se pode desenvolver igualmente tôdas as partes de um conjunto econômico regional multinacional, quer se trate de regiões diferentes dentro de um mesmo país, como na URSS, por exemplo, quer se trate de regiões do conjunto afro-europeu ou latino-americano. Por outras palavras, o argumento soviético é o seguinte: a ajuda econômica não deve reduzir o ritmo de crescimento da URSS, senão todo o sistema socialista seria abalado. Os chineses não negam o valor dêste argumento; são suficientemente sutis para fazê-lo. Cada país socialista, dizem, se deve desenvolver por seus próprios meios, mas, acrescentam, a ajuda econômica não deve alienar a independência política dos países ajudados, por um lado, e por outro, o país que ajuda não deve ter uma política que lhe permita interromper bruscamente ou modificar a orientação da ajuda. A crítica é pertinente contra a atitude dos soviéticos, cuja ajuda à China comparativamente foi quase insignificante. Muito maior foi o auxílio que deram a qualquer outro país do Oriente Próximo. E um belo dia, de repente, retiraram todos os técnicos que lhe ha-

viam cedido. Além disto, recusaram à China os meios de construir a bomba atômica.

É neste nível que o fator econômico interfere no conflito e não no nível de uma diferença de atitude dura ou flexível em matéria de política econômica.

Outra causa do conflito se encontra nos avatares da ideologia marxista-leninista. MARX tinha declarado um dia que o proletariado não poderia atingir a própria perfeição, melhor, superar-se a si próprio para se realizar num tipo de homem perfeitamente humano, sem a plena maturação da filosofia. Ora, aconteceu que, sob o impulso de LENINE, o proletariado primeiro se identificou com o partido comunista (por exemplo, é o que aparece na brochura intitulada: *Que fazer?*) e praticamente com todos os agitadores revolucionários profissionais, que não tinham nada de proletários. Em seguida, com a criação da III Internacional, já, pois, há mais de 40 anos, êsse mesmo proletariado se identificou com o movimento do Komintern. STALIN, por sua vez, chegando ao poder, identificou o Komintern com o partido comunista da URSS. Os interesses do Komintern vieram a ser apenas a expressão internacional dos interesses da URSS. Aliás, a façanha não era difícil, sendo a URSS o único país que dispunha de certo poder, no interior do comunismo. Assim, a concepção de que o partido comunista soviético, ou qualquer outro partido, encarne o "Weltgeist", o espírito do mundo, na época atual, deixa de ser uma questão pacífica, a partir do momento em que, no movimento comunista mundial, aparecem outros partidos comunistas igualmente importantes. Todos e cada um devem participar do "Weltgeist", da mesma maneira e com os mesmos direitos. Todos e cada um podem pretender participar da autoridade mundial conferida pela identificação do proletariado universal com o partido. A autoridade do partido, neste caso, torna-se universal, mesmo se, em princípio, cada um dêles só pretenda aplicá-la à situação particular de sua própria nação. Neste caso, porém, se cada partido se pode identificar com o "Weltgeist", com o espírito universalista, com o proletariado mundial, forçosamente aparecerão divergências na linha geral do movimento. E o problema latente na base do

conflito sino-soviético é simplesmente êste: oficialmente, cada um reconhece deter apenas uma participação limitada na autoridade do partido mundial; praticamente, cada um age como se detivesse esta autoridade em plenitude. Mais ainda: cada um analisa a situação mundial a partir de suas próprias perspectivas nacionais e não mais dentro de uma perspectiva internacional. Cada um projeta seus problemas nacionais sôbre a análise da situação internacional, política e econômica do mundo inteiro. É uma situação prenhe de conseqüências imprevisíveis.

Para remediá-la, TOGLIATTI, desde 1956, depois do congresso da desestalinização da URSS, propunha introduzir a noção de policentrismo, na análise da situação do movimento comunista. Tratava-se na época de justificar as tendências de independência que se manifestavam em diversos Estados e partidos comunistas e de evitar uma ruptura da unidade do movimento comunista internacional. Mas, em seu Memorandum do verão de 1964, que ficou conhecido como o seu Testamento, TOGLIATTI não voltou à mesma idéia. Ao contrário, sublinhava tôdas as inquietações provocadas no seio dos diversos partidos pela orientação violenta e agressiva que vinha assumindo a polêmica entre chineses e russos.

Não evocaremos aqui os aspectos políticos do conflito. Foram êles focalizados pela grande imprensa internacional. muito recentemente, a propósito das reivindicações chinesas sôbre o Extremo-Oriente soviético. Notemos apenas que êste aspecto político está ligado aos velhos mitos seculares da China, o Império do Meio, mitos que mesmo dessacralizados pelo comunismo chinês, não deixam de continuar subjacentes, cremos, a tôda política daquele país. A China sempre se considerou uma espécie de povo eleito, ao redor do qual se deveriam reunir, em círculos concêntricos, os outros povos bárbaros, sôbre os quais ela irradiaria os benefícios da civilização. Esta idéia reassumida e transfigurada pelos comunistas chineses atribui enorme pêso emocional a seu desejo de dominação.

Em conclusão dêste breve estudo, duas observações complementares.

I — Abstraindo de diferenças menores entre o partido comunista chinês e o soviético, um aspecto não se deve perder de vista: entre o marxismo-leninismo chinês e o soviético existe uma diferença que é radical. O primeiro confere uma posição eminente ao conceito de revolução permanente, tanto no interior do país, onde já se instalou a ditadura do proletariado (o que quer dizer que ninguém se pode dar por satisfeito com a situação criada, sempre desejando superá-la), como no plano internacional. A extensão da tendência chinesa é possível nos países subdesenvolvidos ou coloniais, bem como nos países recentemente independentes, sempre que estes são dirigidos por um grupo ou casta que pretende, de direito ou de fato, açambarcar as vantagens da ajuda econômica, de onde quer que venha, em proveito próprio, sem permitir que ela resulte num fator de promoção do conjunto da população. É todo o problema de saber se se faz o desenvolvimento para o povo ou para uma aristocracia.

II — A emergência do fator nacional no plano do movimento comunista marxista-leninista é um fenômeno importante. Neste momento, os interesses nacionais e os pontos-de-vista nacionalistas se impõem aos interesses e pontos-de-vista internacionais do movimento revolucionário. Cada um dos dois "grandes" do comunismo quer fazer prevalecer seus pontos-de-vista e seus métodos, em função da análise particular que faz da situação mundial, apesar de todas as protestações de fidelidade ao internacionalismo proletário que mutuamente se prodigalizam.

A onda de nacionalismo evidentemente transcende o mundo comunista: Um fenômeno carregado de conseqüências se estende pelo mundo inteiro: a emergência dos nacionalismos em todos os países do mundo, sejam soviéticos, chineses, africanos, asiáticos, europeus ou latino-americanos. É um fenômeno novo mas muito nítido. O que distingue esses diversos nacionalismos é que os nacionalismos ocidentais não têm uma ideologia comum, enquanto que os nacionalismos comunistas pretendem ainda possuir uma que será capaz de os confederar, não obstante suas diferenças internas.

Todos êsses fatos aos quais nos acabamos de referir provam que nem a URSS nem a China puderam realmente depurar o marxismo-leninismo do ranço estaliniano, que consistia em identificar o interêsse do proletariado com o interêsse da nação. A questão central é, pois, a seguinte: o leninismo, que foi tão marcado pelas idéias e os métodos dos revolucionários russos de meados do século XIX, será capaz de assumir a perspectiva internacionalista de KARL MARX, supondo que esta não seja uma utopia?

A DESESTALINIZAÇÃO NA URSS

A desestalinização é o fenômeno pelo qual o movimento comunista se defronta com os problemas criados por uma sociedade que aspira a uma liberalização das relações entre os homens e as instituições e das relações dos homens entre si. Focalizaremos apenas duas questões: 1. a desestalinização tem limites intrínsecos? 2. quais os seus efeitos sôbre o pensamento econômico soviético?

A desestalinização começou muito antes do relatório secreto de 1956. G. MALENKOV como N. KRUCHTCHEV são apenas as vedetes que atuam conjunta e sucessivamente numa ação que exprime uma tendência geral. Ela foi muito mais uma função da vida soviética no seu conjunto do que da vontade de alguns líderes.

O Congresso de 1956 é significativo sob vários pontos-de-vista. Nêle é solenemente reafirmada a volta a LENINE e à sua doutrina, o leninismo. Entretanto, a coexistência pacífica tal como é então formulada não corresponde exatamente ao que pensava LENINE pelos anos 1920-1923. Nêle é apresentada a tese da possibilidade de evitar as guerras entre países capitalistas e países socialistas de um modo original, também desconhecido por LENINE. O processo pacífico de passagem do socialismo ao comunismo é defendido segundo um modelo no qual LENINE dificilmente haveria de se reconhecer. É verdade que as condições internas, sociais e econômicas e as situações internacionais não são mais, em 1956, o que eram vinte anos antes. A URSS de 1956 é a segunda potência do mundo. Tudo isto acarreta modificações ideológicas que devem levar em conta todos êsses fatos.

O Congresso de 1961 irá ainda mais longe, formulando um programa do Partido que difere notavelmente, em suas linhas fundamentais, do programa preparado por BUKHARIN e LENINE e adotado em 1919. O código da moral comunista nêle expresso funda-se hoje nos desenvolvimentos da moralidade no decorrer dos milênios que nos precederam, e não mais sôbre o interêsse da classe proletária, a menos que agora os dois critérios não tenham acabado por se sobrepor.

Entretanto, as teses centrais do marxismo-leninismo continuam na base da ideologia. Pela primeira vez, na URSS, desde 1917, publicam-se obras ou manuais intitulados *Os princípios da filosofia marxista* (1958) e *Fundamentos do marxismo-leninismo* (1.ª edição, 1959, 2.ª edição, 1961). Êstes estudos, por um lado, preparam as transformações adotadas pelo programa do Partido, em 1961, e, por outro, reafirmam as concepções fundamentais com uma rigidez que não deixa de criar sérias decepções entre a juventude universitária da URSS e talvez também de outros países.

Os limites da desestalinização foram fixados desde o relatório secreto de N. KRUCHTCHEV: estão em jôgo apenas os excessos provocados pelo "culto da personalidade". No texto, STALIN é apresentado como um político, que, a despeito dos graves erros devidos ao culto da personalidade, trabalhou sempre no interêsse do partido e da URSS. A desestalinização não deve atingir o partido nem aquêles que atuam em seu nome, conforme às suas diretrizes.

Apesar das críticas que visavam a STALIN, o partido é e deve continuar a ser a chave de todo o regime soviético. É isto que explica certa flutuação hesitante que o fenômeno da desestalinização assume aos olhos dos ocidentais. Em presença de uma sociedade que aspira a maior liberalização das relações que a constituem, o partido hesita cada vez que a pressão das bases aumenta, e acaba sempre endurecendo suas posições, temeroso de pôr em risco as estruturas e as grandes orientações do regime. Estas hesitações aparecem no domínio literário como no domínio econômico, onde se trata de modificar um aparelho de planificação central dispendioso e de certo modo incapaz de enfrentar os problemas com-

plexos de uma industrialização moderna e o fenômeno da raridade.

Se examinamos os trabalhos de pesquisa no setor econômico, verificamos que ela dilatou os seus domínios. Não está mais confinada no comentário mais ou menos escolástico da natureza e do papel da lei do valor em regime socialista soviético e em análises superficiais das reservas da produtividade do trabalho. Não sem contestações, é claro, mas com um valor próprio e com uma originalidade incontestável, o cálculo econômico, que tinha desaparecido do pensamento econômico soviético pela década de 1930, recebe de novo foros de cidade, graças à publicação de trabalhos de classe internacional de L. V. KANTOROVITCH sobre a atribuição ótima de recursos raros, V. V. NOVOZHILOV, que foi também um pioneiro no assunto, como ainda os estudos de V. NEMTCHINOV e de A. J. BOJARSKIJ, objeto de vivo interesse nos círculos especializados. A reintrodução do cálculo econômico, após um eclipse de trinta anos, orientou-se especialmente para o problema da decisão econômica entre vários investimentos possíveis e para a pesquisa do ótimo econômico em matéria de produção. Nesta perspectiva, entraram também em linha de consideração os problemas levantados pela renda imobiliária e pela renda diferencial, que foram objeto de estudos especiais. As aplicações da programação linear a planos cada vez mais complexos são objeto também de pesquisas consideráveis, mesmo que, ainda hoje, permaneçam na formulação de modelos parciais e os planejadores ainda se interroguem sobre o seu interesse na elaboração de planos nacionais. Começa-se também a observar a simbiose entre cibernética e ciências econômicas e sociais.

A ampliação do campo das pesquisas econômicas levanta para o planejador e os responsáveis da economia o problema da formação racional dos preços e de sua relação com o valor-trabalho e faz assim sentir a urgência de reformas necessárias para aumentar a rentabilidade dos investimentos, ao mesmo tempo que a parte de remunerações distribuída à população.

Entretanto, os pesquisadores e os pioneiros dos novos métodos ainda não ganharam a partida. Continuam a ser

travadas lutas virulentas entre os inovadores e os fiéis à ortodoxia em teoria econômica, que aderem ainda à concepção soviética do valor-trabalho, derivada da concepção de MARX no *O Capital*. Aos inovadores só é oferecido até agora um campo de aplicação muito limitado e exclusivamente a título de experiência. É possível que as exigências mesmas da vida econômica acabem por sacudir os fixismos. Por enquanto, não temos informações a respeito.

Focalizando êsses dois aspectos da desestalinização, não queremos parecer subestimar outros domínios, onde ela teve também repercussões, como nos da história, do direito, das artes, da literatura, etc. Pretendemos apenas sublinhar a complexidade dos fenômenos sociais que se colocam hoje na URSS e, por reflexo, nas democracias populares da Europa: são aspectos contraditórios que surgem ao mesmo tempo, num mesmo país e num mesmo setor da vida social e econômica.

CONCLUSÕES

Tiremos apenas algumas conclusões parciais, provisórias talvez, mas bem claras, desta exposição, que não tinha nenhuma pretensão de ser completa, sobre alguns aspectos do movimento comunista atual.

A primeira conclusão nos leva a constatar que, de há uns dez anos para cá, o movimento comunista se defronta com problemas absolutamente novos e insperados.

I — Por ocasião do conflito sino-soviético, sentiu eclodir a questão do nacionalismo e dos nacionalismos no seio de um movimento internacional e que se pretende universalista. Poder-se-ia contestar dizendo que a questão não é própria-mente nova, de vez que já foi levantada por LENINE antes da primeira guerra mundial, e na URSS no Congresso do Partido Comunista de 1923. Notemos, porém, que nos dois casos, a questão é evocada dentro de um só partido que se estende a um Estado Multinacional. De resto, mesmo neste contexto limitado, a solução encontrada é mais aparente que real: com bastante freqüência, emergem crises de chauvinismo nacionalista nas Repúblicas Federadas da periferia.

Não há dúvida, pois, que o movimento comunista, com o conflito sino-soviético, esteja diante de um problema novo: o problema da preeminência de pontos-de-vista e de atitudes nacionalistas opostas, na análise e na orientação da política internacional. Não é impossível que este afrontamento conduza, num primeiro momento, à formação de dois grupos opostos de nações e de partidos comunistas, gravitando uns em torno da URSS e outros em torno da China. Não é impossível que, num segundo momento, no interior de cada um destes grupos, as articulações comecem a se afrouxar, caso a liderança de cada um dos dois "grandes" não consiga se afirmar totalmente sobre os respectivos clientes. Mas nada permite ainda prever as "gargotes de l'avenir", segundo a expressão de MARX. Qualquer que seja o futuro, hoje estamos em presença de um problema interno do movimento comunista, mas de dimensões internacionais e capaz de ter repercussões sobre o futuro de todas as nações do mundo, a menos que a oposição aos Estados Unidos não venha a fundir de novo num só bloco essas novas tendências.

II — Focalizando apenas o caso da URSS, conquanto o problema se coloque de modo idêntico para a Polônia, a Tcheco-Eslováquia, a Romênia, etc., dentro de uma sociedade e de um Estado de tipo marxista, o movimento comunista, concretamente aqui, o partido, enfrenta o problema da liberalização das relações sociais. Ora, durante dezenas de anos, esta mesma sociedade sujeitou-se submissa a pressões burocráticas, administrativas, penais, policiais, e também, com menor intensidade, a pressões internas. Pode-se dizer, portanto, que, neste domínio, as coisas avançaram muito. Houve progressos lentos, caóticos. A explicação psicológica do culto da personalidade não é satisfatória, não vai até a raiz do mal que é bem mais antiga. Não está excluído que a arbitrariedade possa voltar a pesar inopinadamente, aproveitando-se de circunstâncias graves e imprevisíveis.

III — A existência desses novos problemas, e de outros que não foram aqui apontados, poderá, num futuro mais ou menos distante, determinar um início de evolução das formas assumidas até agora pelos regimes e pelos parti-

dos comunistas. Mas, é importante acentuar que esta etapa, salvo em alguns pontos bem particulares, ainda não despontou no horizonte.

Formulamos a segunda conclusão sob a forma de uma interrogação: por que tal evolução não se efetua? Em outros países, muito menos tempo foi necessário para a consumação de evoluções muito mais profundas.

A razão principal¹ é a presença de uma elite política que praticamente é constituída por cooptação e que detêm a *totalidade* do poder político e econômico, isto é, o partido comunista.

É claro que o partido não constrói sobre uma "tabula rasa": não pode prescindir de certos comportamentos sociais dos homens, e sempre que o tentou fazer de modo radical, sofreu revezes humilhantes. Mas, diversamente do que se passou em outros países, na revolução francesa, por exemplo:

a) o Partido guia e controla atentamente tôda a vida e tôdas as transformações da sociedade soviética, e não somente no plano global, mas também nos pormenores cotidianos. No exercício dessas funções, pode modificar sua maneira de agir de um período a outro, mas sem que isto acarrete qualquer enfraquecimento de suas funções.

b) Através de seus congressos, programas, comitês encarregados de velar pela pureza da doutrina, êle elabora a ideologia de cada período presente e se esforça por mantê-la a continuidade de forma e de fundo.

c) Porque a ideologia é uma força diretiva da evolução das sociedades, êle as dirige e enquadra. É o que sublinhava STALIN já em 1938 e o que reafirmaram todos os seus sucessores e todos os manuais oficiais de economia política e filosofia marxista-leninista. Aliás, não se deve perder de vista a virulência das campanhas ideológicas que agora se deflagram: anti-religiosa (da qual a imprensa pouco se ocupa nos países ocidentais), artística, política e econômica.

d) Com FRANÇOIS PERROUX, convém acentuar que, através de tôdas as variações de menor importância, a visão

¹ Remetemos o leitor para o nosso trabalho *Le Marxisme en Union Soviétique*.

fundamental de MARX permanece presente no comunismo. Para torná-la tangível, concreta, para suscitar as adesões, passado já o período dos inícios da industrialização, identifica-se praticamente a construção do comunismo com a aceleração do processo industrial. O novo programa do partido comunista da URSS, adotado em fins de 1961, é um testemunho eloqüente desta identificação em nossos dias.

É mister prestar atenção às evoluções possíveis, mas uma atenção sempre lúcida, que sabe retraçar a eventual permanência da visão social de uma sociedade coletivista expansiva e ao mesmo tempo fechada sôbre si mesma.